Universidade Aberta do Meio Ambiente e da Cultura de Paz – UMAPAZ

Comitê de Mudança do Clima e Ecoeconomia do Município de São Paulo

A dimensão social das mudanças climáticas na perspectiva da comunicação de riscos

Profa. Dra. Cilene Victor
UMESP, FAPCOM

Qom, Irã, julho/2019

Pacto Global sobre Migração, Marrakesh, dez/2019. Crédito: Cilene Victor

COP 21, Paris, 2015. Crédito: Cilene Victor

Cilene Victor

Professora titular do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), onde é uma das líderes do grupo de pesquisa Jornalismo Humanitário e Media Interventions. Professora da Faculdade Paulus de Comunicação – FAPCOM. Jornalista há 30 anos, comentarista e enviada internacional para a cobertura da crise humanitária. Tem pós-doutorado em Planejamento e Gestão do Território (2019), doutorado em Saúde Pública (USP, 2001) e mestrado em Comunicação Científica e Tecnológica (1995).

A crise humanitária

Segundo a ONU, estamos atravessando a maior crise humanitária desde o final da Segunda Guerra Mundial.

Uma a cada 70 pessoas no mundo precisa de assistência ou proteção humanitária (UNOCHA, 2019).

Casal de idosos sírios refugiados no campo de Al Awda, Líbano. Deslocamento por guerra. Crédito: Cilene Victor, junho de 2018

A projeção para 2019 é de 141,7 milhões de pessoas, em 57 países, demandando ajuda humanitária,

O suporte financeiro necessário é 26 bilhões de dólares,

Principais faces da crise humanitária

Migração forçada
Insegurança alimentar

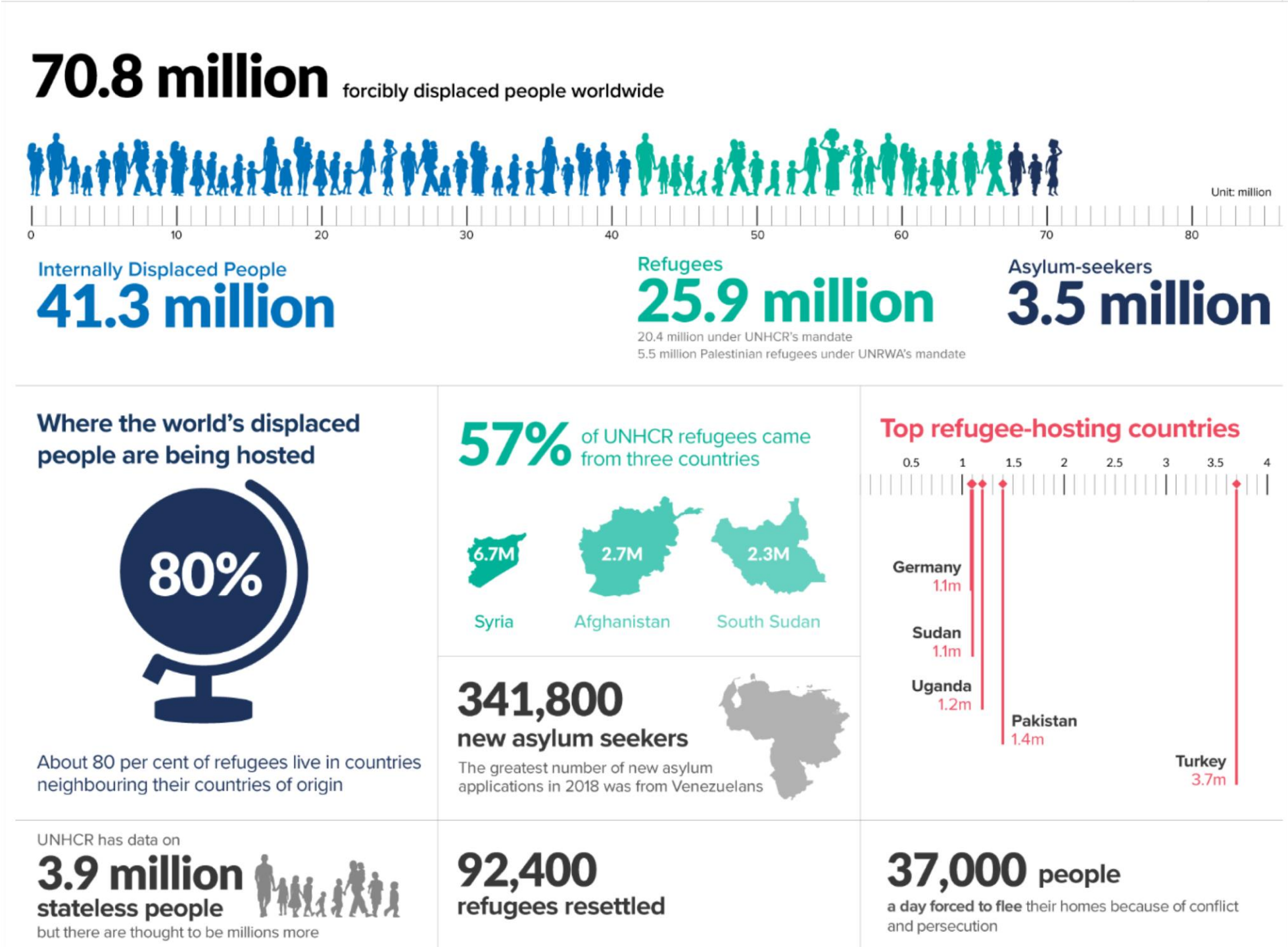
Sr. Cláudio, morador do Peri Alto. Deslocamento por desastres. Crédito: Wagner Ribeiro, maio de 2019

Principais causas da crise humanitária

Guerras
Conflitos armados
Desastres
Mudanças climáticas
Instabilidade econômica e política

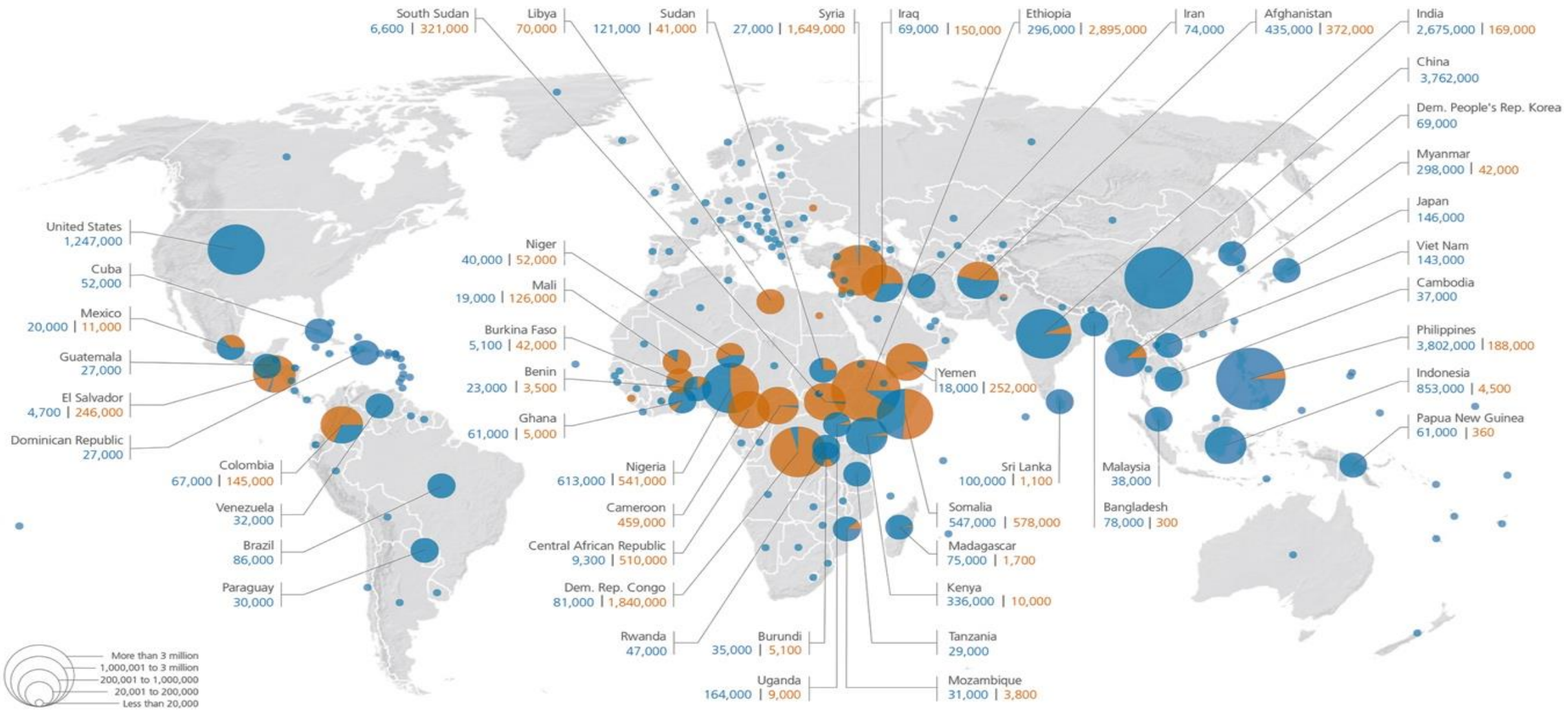
Sra. Alda, moradora do Montanhão, SBC.
Crédito: Marina Garcia, junho de 2018

Principal face da crise humanitária: migrações forçadas



Fonte: UNHCR, 2019

NEW DISPLACEMENT BY CONFLICT AND DISASTERS IN 2018



The country names and figures are shown only when the total new displacements value exceeds 20,000. Due to rounding, some totals may not correspond with the sum of the separate figures.

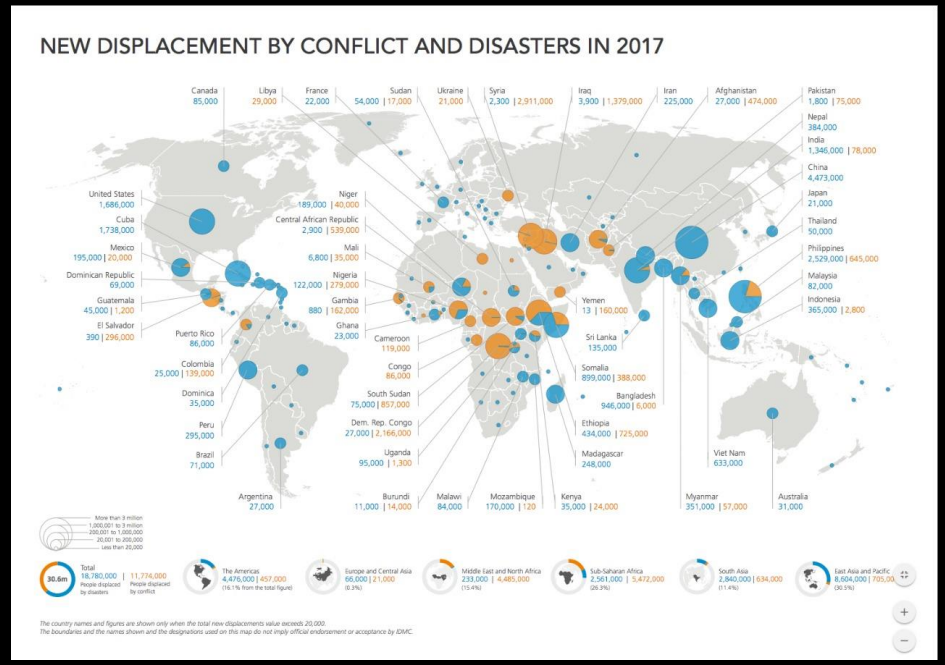
The boundaries and the names shown and the designations used on this map do not imply official endorsement or acceptance by IDMC.

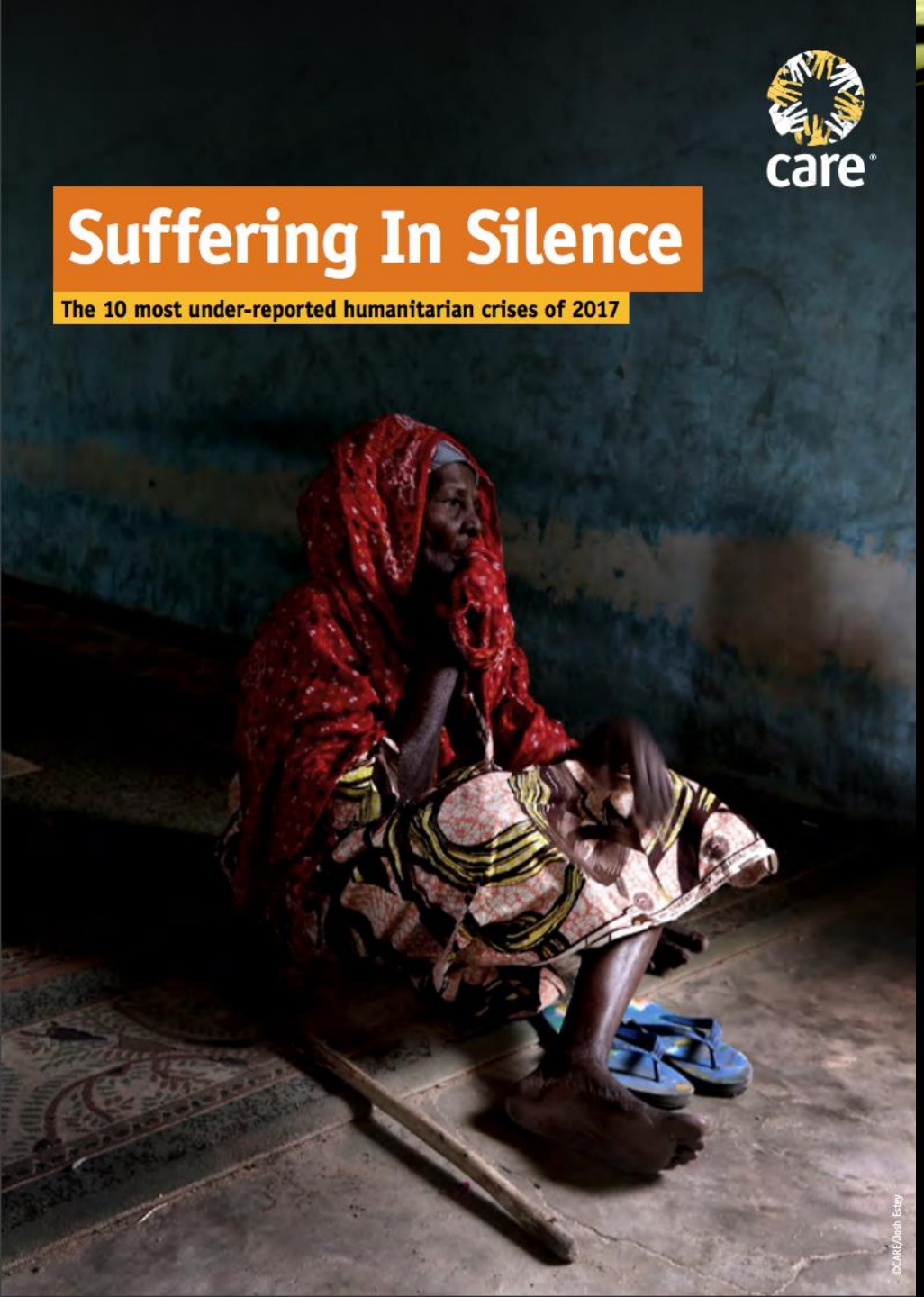
Fonte: GRID, 2019

	New displacements Jan – Dec 2016	Total number of IDPs as of the end of 2016
CONFLICT	6.9 million	40.3 million
DISASTERS	24.2 million	?

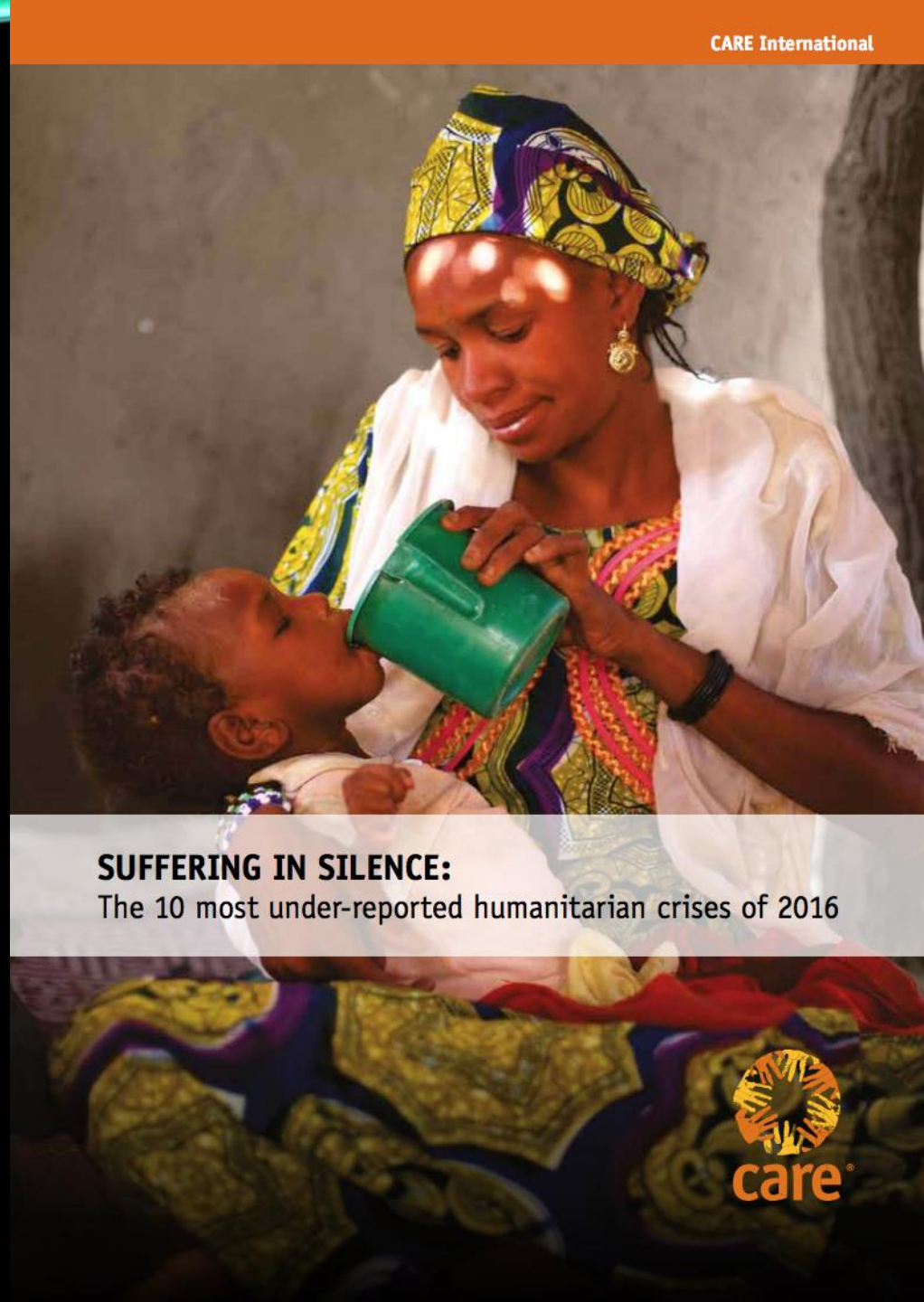
24 pessoas por minuto são forçadas ao deslocamento, quatro vezes mais do que o registrado uma década atrás, seis pessoas por minuto.

Uma em cada 113 pessoas no planeta é solicitante de refúgio, deslocada interna ou refugiada





Crédito:
CARE/Josh Estey



Desastres como uma das dimensões sociais das mudanças climáticas

Qual é o cenário nacional?

Desastres reconhecidos no Brasil

Período de 5 anos - 2013 a 2017

12.025 desastres reconhecidos, ou seja, que demandaram decretação de situação de anormalidade: estado de calamidade pública ou situação de emergência

Média anual – 2.400 desastres associados a enchentes, deslizamentos, inundações e à seca, parte deles decorrente de extremos climáticos.

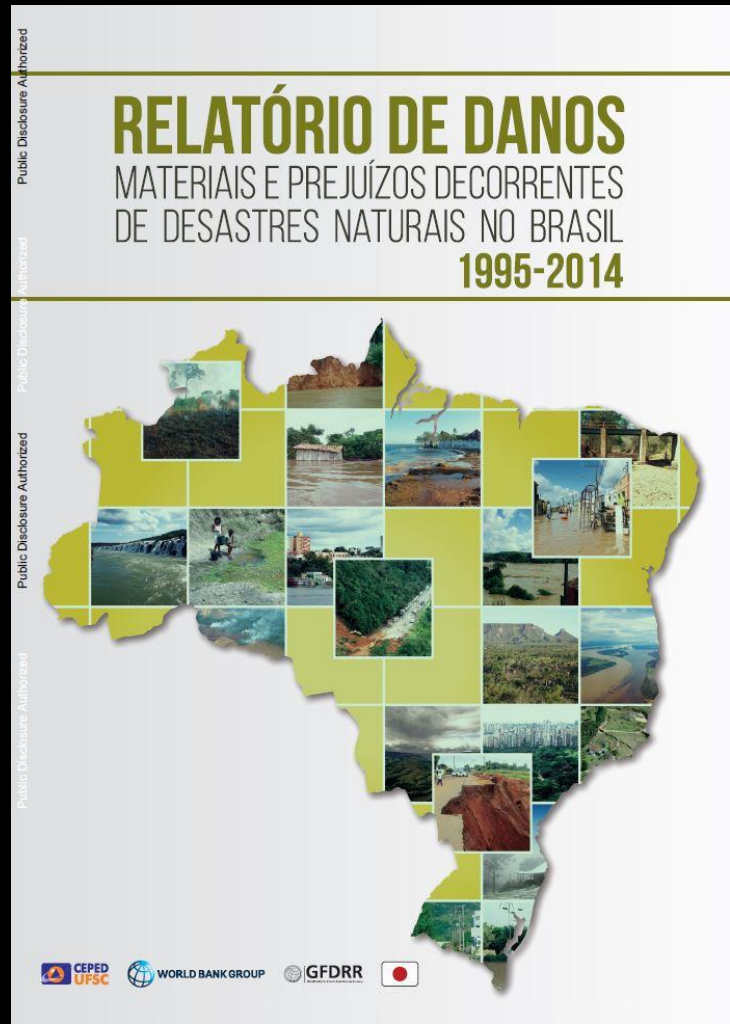
QUAL É O CENÁRIO?

Dados do Relatório de Danos – Banco Mundial e Ceped UFSC

1995-2014: 22.810 documentos analisados do total de 53.704 registros

Perdas totais: R$ 182,7 bilhões
R$ 137,3 bilhões foram de prejuízos públicos (14%) e privados (86%)

R$ 45,4 bilhões de danos materiais



QUAL É O CENÁRIO?

Dados do Relatório de Danos – Banco Mundial e Ceped UFSC (1995-2014)

Anualmente: perdas superiores a R$ 9 bilhões

Mensalmente: perda de aproximadamente R$ 800 milhões

A CULTURA DO DESASTRE

Em duas décadas, entre 1992-2012, desastres como enchentes, inundações, secas, furacões, tornados e terremotos afetaram em todo o mundo cerca de **4,5 bilhões de pessoas**, das quais **1,3 milhão perderam suas vidas.**

Esses desastres provocaram US$ 2 trilhões de danos.

DA CULTURA DO DESASTRE À CULTURA DE RRD

Diante da frequência e da intensidade dos desastres, muitos deles a**ssociados às mudanças climáticas, o mundo tem unido esforços para sobrepor a cultura da prevenção à cultura do desastre, amparada em ações de redução de riscos de desastres (RRD).**

DA CULTURA DO DESASTRE À CULTURA DE RRD

Entre os esforços está o **Marco de Ação de Sendai 2015-2030**, em substituição ao Marco de Ação de Hyogo (2005-2015), **cujo maior desafio é construir comunidades mais resilientes [adaptação].**

O Marco de Sendai está referenciado no Acordo de Paris e em outros marcos internacionais.

MARCOS INTERNACIONAIS

Marco de Ação de Sendai 2015-2030

Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável

Acordo de Paris

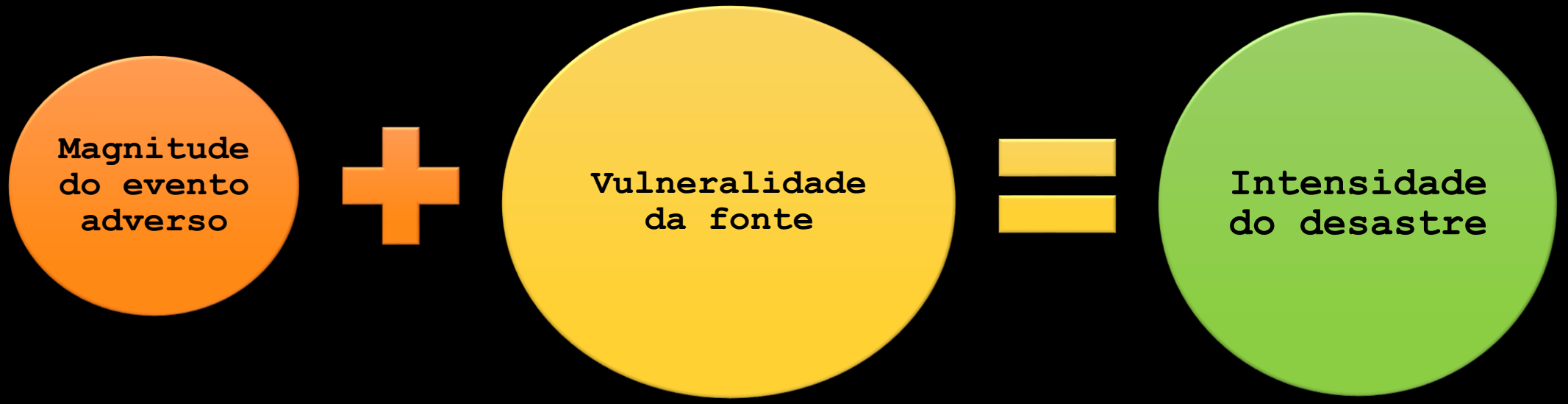
Agenda pela Humanidade

Declaração de Nova York

Pacto Global para uma Migração Segura, Ordenada e Regular

Se as mudanças climáticas têm tornado os desastres mais intensos e frequentes, onde é possível interferir?

Desastres resultam de eventos adversos, naturais ou provocados pelo homem, sobre um ecossistema (vulnerável), causando danos humanos, materiais e/ou ambientais e consequentes prejuízos econômicos e sociais (CASTRO, 2000).



O papel social da comunicação de riscos

Definições

Comunicação é um processo complexo e contínuo de transmissão e troca de informações e políticas propostas para a decisão do público. Condição fundamental para a democratização do processo de tomada de decisão.

- Comunicação de riscos é uma condição necessária para o exercício dos direitos de toda pessoa de participar das tomadas de decisão que dizem respeito à sua vida.
- Comunicação de riscos é um processo interativo de troca de informação e opiniões entre indivíduos, grupos e instituições.

Contexto

Identificação da crescente preocupação do público com os riscos ambientais e de saúde (final dos anos 1980 nos EUA).

Necessidade de desenvolver um modelo de comunicação que reduzisse o grau de preocupação, de medo e ansiedade do público acerca dos riscos.

Entender a Comunicação de Riscos é Entender a Comunicação Social

Comunicação é um processo social que visa à **comunhão** de ideias (Diaz-Bordenave).

Comunicação depende de um fator decisivo que é a **compreensão** entre os atores envolvidos, **sem** que compreensão signifique **estar de acordo** (Penteado).

Comunicação – dinâmica

Fenômenos que Interferem na Comunicação

Percepção

Interpretação/significado pessoal

Predisposição/indiferença

Imagem (significados)

Rumores

Ruídos (semântico, de canal e ideológico)

MODELOS DE COMUNICAÇÃO DE RISCOS

Modelo de Comunicação de Riscos ***Midiático***

Modelo de Comunicação de Riscos ***Direto***

Modelo de Comunicação de Riscos ***Intrainstitucional***

Modelo de Comunicação de Riscos ***Interinstitucional***

DOIS DE
COPAS

MODELO 1 – MIDIÁTICO
PRIMEIROS PASSOS

Compreenda o funcionamento e a dinâmica dos meios de comunicação para, assim, conseguir pautá-los.

Saiba identificar as diferenças entre **jornalismo e entretenimento** e, com isso, explore o potencial de cada um. Não se esqueça, há dois jornalismos (interesse público e interesse do público). **Não confundir informação com informação jornalística**.

Identifique qual o melhor veículo para transmitir as mensagens sobre riscos, considerando público, linguagem, posição político-ideológica específicos.

Considere as limitações de cada profissional ou veículo. Se perceber que o jornalista não entendeu, explique novamente. Não confie no *off* e considere os impactos que essa prática pode provocar.

Não superestime o poder da mídia, pois a sua influência é relativa.

MODELO 2 – DIRETO
PRIMEIROS PASSOS

Conheça a realidade da comunidade, seu histórico de exposição ao risco e sua percepção de riscos. Mudanças climáticas precisam fazer sentido no cotidiano da comunidade.

Identifique as lideranças e tenha-as como parceiras, porque somente com elas será possível alcançar bons resultados no processo de comunicação. Lembre-se: confiança e credibilidade são a base.

Lembre-se de que mudanças no contexto (antes/depois do desastre) provocam alterações intensas nas relações entre os atores. Invista na comunicação de riscos.

Identifique o melhor meio de comunicação com a comunidade (debates, meios comunitários (rádio e jornal) e as redes sociais.

Lembre-se: a eficácia da comunicação não depende apenas da disseminação de informação. Pense e realize ações integradas com igreja, escola, associações de classe e demais instituições [importantes esferas públicas].

MODELOS 3 E 4 – INTRA E INTERINSTITUCIONAL PRIMEIROS PASSOS

Crie mecanismos, ações e canais capazes de viabilizar a comunicação e a compreensão entre todos os setores da mesma instituição, assim como os das instituições de interesse.

Identifique e nomeie alguém ou um departamento para coordenar as campanhas de comunicação de riscos dentro da instituição. Na comunicação entre as instituições, torna-se necessária a identificação da instituição responsável pela comunicação de riscos, reduzindo assim informações desconexas, rumores, ruídos, excesso e escassez de informação.

Explorem os recursos da internet: as páginas das Cedecs, das Comdecs, as redes sociais etc. Dê evidência às informações sobre riscos.

Lembre-se: a comunicação é a condição fundamental para todo processo de gerenciamento de riscos, assim, torna-se urgente a construção de espaços para a comunicação de riscos dentro das instituições.

MÍDIAS SOCIAIS E A PERPETUAÇÃO DOS ERROS E DOS ACERTOS

- Com o fenômeno das mídias sociais, o ciclo de vida de uma informação inicialmente disseminada pela imprensa torna-se um grande desafio para as instituições competentes, especialmente quando distorcidas ou veiculadas fora do contexto inicial.

- Os erros e equívocos da cobertura de riscos e de desastres pela mídia tradicional serão potencializados pelas mídias sociais, assim como os acertos também.

- A mídia é reflexo da sociedade na qual está inserida. Assim, nesta sociedade, onde a cultura do desastre se sobrepõe à cultura do risco, as imagens de desastres servem para sobrepor o interesse do público ao interesse público.

- Com pouco conhecimento sobre o tema, jornalistas e comunicadores em geral apenas reproduzem e disseminam os discursos e comportamentos de suas fontes de informação. As fontes, aqui estão contemplados os voluntários, precisam estar mais bem preparados para nortear a imprensa e os usuários das mídias sociais.

Mídias sociais e a perpetuação da violação dos direitos humanos das vítimas de um desastre

As mídias sociais têm o poder de pautar as mídias tradicionais.

O fenômeno do agendamento da mídia tradicional se repete nas mídias sociais, mas com critérios mais nebulosos.

O gatekeeper da mídia tradicional é o gatewatcher das mídias sociais: de porteiros a vigias.

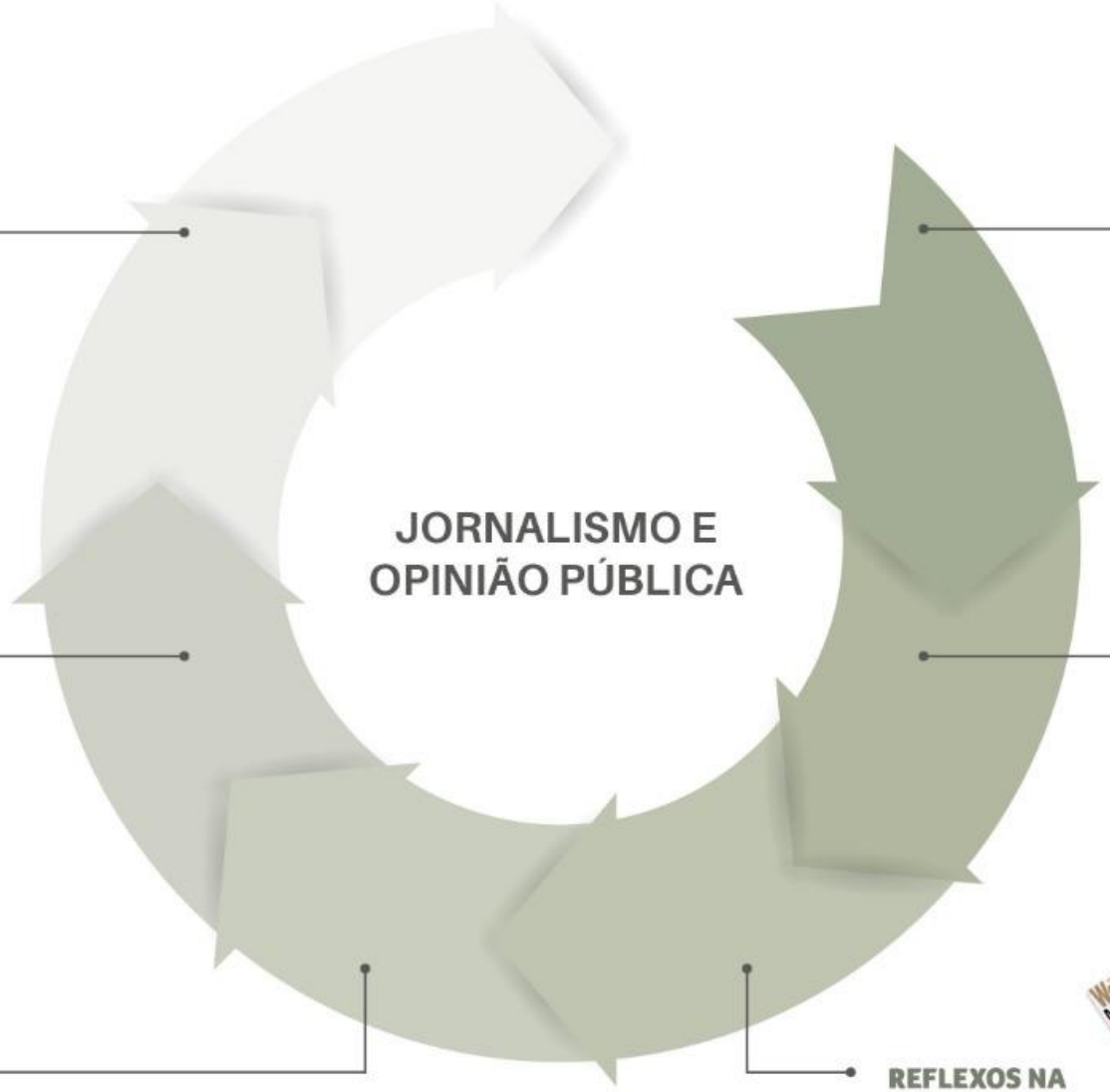
As mídias sociais dispõem do sujeito que faz o papel de curador do que ali circula.

A dignidade das vítimas de desastres não poderá ser garantida a partir de uma cobertura midiática incipiente ou amparada numa representação social que ignore a sua complexidade do problema, como o direito à imagem, fomentando a curiosidade e o sentimento de cólera e revanche dos internautas.

Políticas Públicas

OPINIÃO PÚBLICA

ESFERA PÚBLICA



FATO JORNALÍSTICO

- Interesse público
- Interesse do público

COBERTURA JORNALÍSTICA

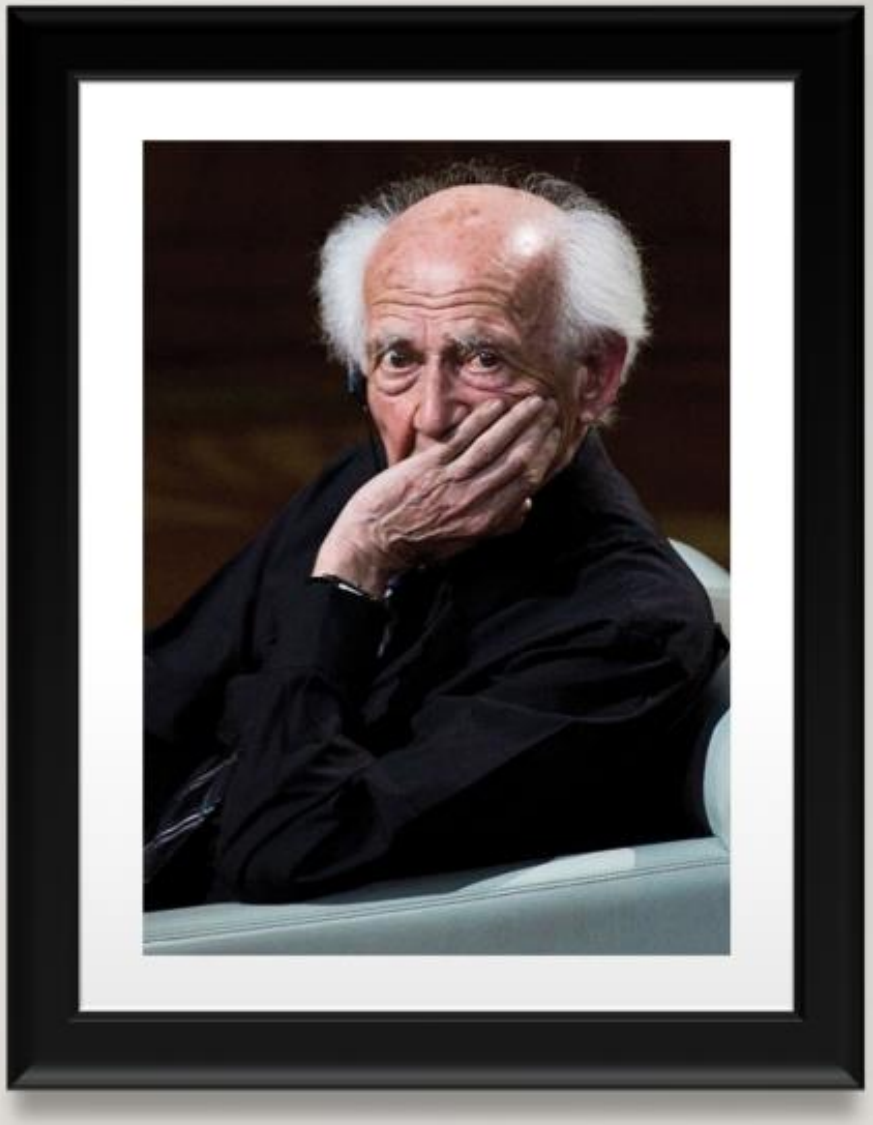
1. Informação
2. Opinião
3. Interpretação

REFLEXOS NA SOCIEDADE

- Fenômeno do agendamento

“Crianças afogadas, muros apressadamente erguidos, cercas de arame farpado, campos de concentração superlotados e competindo entre si para acrescentar o insulto de tratarem os migrantes como batatas quentes às injúrias do exílio, de escapar por pouco dos perigos enervantes da viagem rumo à segurança – todas essas ofensas morais cada vez são menos notícia e aparecem com menor frequência “no noticiário”.

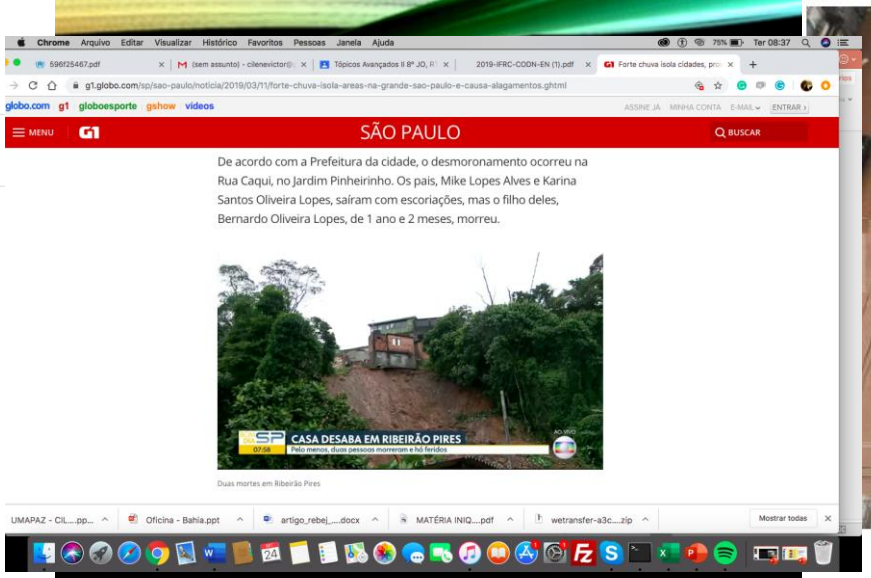
Infelizmente o destino dos choques é transformar-se na rotina tediosa da normalidade – e dos pânicos é desgastar-se e desaparecer da vista e das consciências, envoltos no véu do esquecimento”. (Bauman, 2017, p.8)



Segundo Moeller (1999), há elementos importantes para explicar as razões que levam uma crise a ser negligenciada pela imprensa, sobretudo aquelas que se prolongam no tempo ou que acometem sempre o mesmo perfil de pessoas, países e regiões. É o que a autora chamou de “fadiga da compaixão”, uma espécie de saturação provocada, inclusive, pela repetição de narrativas, de formatos, abordagens e apelos.

Vale do Beqaa, Líbano
Crédito: Cilene Victor, junho de 2018

Fonte: Folha de S.PAULO



Fonte: G1

Rua Odorico Mendes, na divisa entre Mooca e Cambuci, sofre com alagamento após chuva
Patricia Santana/Leitora/Patricia Santana/Leitora

Fonte: Folha de S.PAULO

Qual o principal papel social da comunicação de riscos?

Promover a cultura da redução de riscos de desastres (RRD), o que contribuirá para retirar a dimensão social das mudanças climáticas da invisibilidade e, assim, reduzir o sofrimento humano e as violações dos direitos humanos decorrentes de desastres e das mudanças climáticas.

Campo de refugiados sírios, Vale do Beqaa.
Créditos: URDA, 2018

É também por elas!

Muito obrigada!

cilenevictor@gmail.com